ESOCITE.BR
14, 15 e 16 de Outubro
Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza CCMN/UFRJ
RIO 2015
VI SIMPÓSIO NACIONAL DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE
ESOCITE.BR / TECSOC

A Teoria do Conhecimento de Álvaro Vieira Pinto: uma perspectiva onto-gnosiológica.

Alex Ubiratan Goossens Peloggia*
Any Marise Ortega**

Resumo

O cerne da teoria do conhecimento de Álvaro Vieira Pinto é a dialética entendida como expressão do modo de ser da realidade e reflexão desse modo de ser no campo das ideias. Este caráter totalizador possibilita entender a ciência como fase mais desenvolvida do processo histórico e social do conhecimento, a partir de dois pressupostos: o reconhecimento do homem como ser ativo no mundo, dotado de consciência e intencionalidade (teleologia) e a consideração do mundo real enquanto objeto capturável pela reflexão. A realidade é a matriz fundamental da qual os outros fenômenos são decorrência, e o conhecimento (gnosiologia) e o método não a supõem, mas são dela decorrentes. A ciência caracteriza-se, nesse contexto, pela atividade metódica da razão direcionada para a investigação da realidade, e o método é visto como um caminho dinâmico, dotado de historicidade, intencional e (auto) reflexivo (portanto crítico), não se configurando em organização intelectual apriorística. Enfim, o pensamento de Vieira Pinto, tal como o de Marx e de Lukács, mostra uma relação indissociável entre dialética e ontologia, bem como uma ênfase decisiva na articulação entre as categorias da universalidade e da particularidade.

Palavras-chave: Álvaro Vieira Pinto, conhecimento, ciência, dialética.

Introdução

Trataremos neste trabalho, que posicionamos no campo da Filosofia da Ciência e da Educação, da obra *Ciência e Existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*, de Álvaro Vieira Pinto (1979)[1], centrando-nos na reflexão acerca de suas concepções de conhecimento e ciência, bem como em suas influências teóricas e posicionamento filosófico e ideológico.

Nosso primeiro contato com as concepções epistemológicas de Álvaro Vieira Pinto de deu através da *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire (2000), na qual é destacada a concepção do

* Geólogo, Doutor em Ciências (USP), professor e psicanalista. Universidade de Guarulhos.
** Historiadora, pedagoga, Doutora em Ciências Sociais (PUC-SP), professora e psicanalista. Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo.
[1] Álvaro Vieira Pinto será referido, ao longo do texto, por uma questão de estilo, também como "Vieira Pinto" ou simplesmente "AVP".

primeiro autor sobre o processo de construção - e superação - do conhecimento. E esse motivo - a presença de Vieira Pinto no pensamento de Paulo Freire – desde já se configura em um dos grandes atrativos ao estudo de seu pensamento, notadamente na área da educação. A ligação intelectual entre os dois autores pode ser mostrada sem dificuldades através da obra de ambos, como quando Paulo Freire, em *Educação como Prática da Liberdade* (FREIRE, 1983) ou em *Educação e Atualidade Brasileira* (FREIRE, 2001), destaca sua importância como *um dos mais autênticos mestres*. Ou ainda quando Vieira Pinto (op. cit.), em *Ciência e Existência*, destaca o trabalho de Freire entre os *pedagogos mais competentes*.

No entanto, o estudo da obra de Álvaro Vieira Pinto, além de ter sido levado a cabo por poucos autores, tem privilegiado outros aspectos que não o epistemológco (*e.g*. SILVA, 1996; FREITAS, 1998). Por outro lado, sua obra *Ciência e Existência* propõe a discussão do conhecimento científico e seus métodos em termos de ampla abrangência, o que nos dá a possibilidade de estudá-la visando a sistematização e organização dos conceitos e categorias utilizados e propostos pelo autor, e permite ainda a discussão da possibilidade de utilização de tal abordagem como fundamento para a reflexão sobre o tema no ensino.

Ciência e pesquisa científica como momentos culminantes do processo histórico do conhecimento

Álvaro Vieira Pinto (1979), em *Ciência e Existência*, caracteriza a pesquisa científica como o aspecto culminante do processo amplo e complexo do *conhecimento*, pelo qual o homem realiza a possibilidade existencial que daria conteúdo à sua "essência de animal que conquistou a racionalidade": a possibilidade de dominar a natureza, transformá-la e adaptá-la às suas necessidades. Mas o que AVP entende especificamente por *conhecimento*? Trata-se, em essência, de um *ato de apreensão da realidade*. Para o autor, o conhecimento estende-se dos primórdios da evolução biológica até as formas mais altas da escala animal e, em sua manifestação superior, se revela pelo surgimento de ideias na consciência humana. Dessa maneira, "o conhecimento existe desde que a organização da matéria começa a tomar o caráter que a diferenciará, enquanto sistema vivo, do restante da natureza, que permanecerá inerte. É para ele um <u>dado indisputável</u> da ciência que a matéria existe e sempre existiu em estado de transformação permanente, que uma

parte dela se diferencia num processo particular, que constitui a evolução biológica, geradora de tosos os seres vivos" (p.16; grifo nosso).

Assim, enquanto a matéria inerte *é do mundo*, ou seja, pertence a ele e o segue passivamente nas transformações mecânicas, físicas e químicas que nele ocorrem, o ser vivo sempre em alguma medida *domina* o meio em que encontra. Para Vieira Pinto (1979, p.22), o aparecimento da vida (uma forma organizada peculiar da matéria) e do conhecimento (a capacidade de percepção e reação da matéria viva sobre o restante) constitui *um momento qualitativamente novo* da evolução da matéria. O conhecimento, assim entendido em sentido amplo, é um **fato biológico** em sua gênese. Explica-se: "Em todas as espécies, e na acepção mais lata em que o podemos enquadrar, o conhecimento é o reflexo da realidade adquirido pela capacidade perceptiva que o ser vivo, segundo sua possibilidade de organização vital, está habilitado a fazer dessa realidade" (p.19).

Esta concepção materialista possibilita ao autor reconhecer três fases fundamentais do que podemos chamar *processo amplo* do conhecimento: (1) os *reflexos primordiais*; (2) o *saber*; (3) a *ciência*. Assim, em suma, em natureza essencial o conhecimento é visto como uma propriedade geral da matéria organizada como matéria viva e, em todas as suas modalidades, trata-se sempre de uma *reação* da matéria viva em face do mundo circunstante, o que pressupõe a *percepção* da situação objetiva, e em seguida a *reação* (p.21): *o conhecimento resulta sempre da existência do ser vivo no mundo*. Esta afirmação pode ser considerada de duas maneiras: (1) como **prioridade ontológica**[2] do *estar no mundo* em relação ao *conhecer o mundo*; veremos que esta idéia é essencial no desenvolvimento do pensamento do autor; (2) da **existência** como *circunstância* do conhecimento, do que resulta, em última instância, seu caráter social.

Vejamos, portanto, o *desdobramento* do processo do conhecimento até seus patamares mais elevados, ou seja, aqueles da consciência humana, que em conseqüência deve ser alijada de qualquer origem transcendental: para AVP, "(...) A consciência humana, que irá ser a fonte e o agente da criação científica, <u>inclui-se na continuidade de um processo natural</u>, participa dos

[2] Tomamos esta expressão no sentido usado por Lukács (1979a) na *Ontologia do Ser Social*. Significa que, numa relação prioritária A → B, o segundo termo supõe a existência do primeiro para existir, enquanto o inverso não se faz necessário. Nas palavras de Lukács, no capítulo sobre Hegel da obra citada: "Quando atribuímos uma prioridade ontológica a determinada categoria com relação a outra, entendemos simplesmente o seguinte: a primeira pode existir sem a segunda, enquanto o inverso é ontologicamente impossível" (p.40).

traços essenciais que o definem, apenas se distinguindo pela complexidade a que atingiu (...)" (VIEIRA PINTO, 1979, p.22; grifo nosso). Como se manifestaria, então, essa complexidade?

O conhecimento como fato existencial de caráter histórico e social

Para AVP, a existência do conhecimento é um *fato existencial e socialmente indubitável*: trata-se de um **fato histórico**[3] e **social** ontologicamente prioritário em relação a seu reconhecimento. Ou seja, conforme o autor, *cogitar* sobre sua origem só é possível quando se admite que *existe* uma prévia acumulação de conhecimento. Temos, portanto, como premissa, a rejeição às concepções que põem em dúvida a possibilidade do conhecimento:

> O meu existir como ser histórico, como indivíduo em comunidade social, é conhecido imediatamente por mim, e portanto fornece o ponto de partida para o raciocínio que procura entender o fenômeno do conhecimento, não por uma evidência interior mas por uma experiência exterior, social, histórica, que supera toda dúvida que pudesse levantar a respeito dela, ao me mostrar que esse ato de duvidar não afeta em nada a vivência do meu pertencimento ao processo que me envolve (VIEIRA PINTO, 1979, p.17; grifo nosso).

Temos aí indicada a discussão sobre o **critério de verdade**. A rejeição ao *cogito* cartesiano, nesse sentido, é conseqüente (isto é, decorre logicamente da fundamentação estabelecida) e explícita: ao *eu conheço* contrapõe AVP o *cogitamus*, isto é, conheço e sou conhecido pelos outros. Para o autor, "somente uma concepção metafísica, que isola o indivíduo do processo histórico, e o faz contemplar-se introspectivamente, pode propor o problema do conhecimento em termos da procura de um ponto de partida indubitável, que deva estar necessariamente situado no interior do espírito individual" (VIEIRA PINTO, 1979, p.17; grifo nosso).

Daí decorre como conclusão necessária a *fundamentação ontológica da teoria do conhecimento*: "A teoria do conhecimento tem de ser construída partindo não da subjetividade humana, que, como tal, já é um produto secundário do processo da realidade, mas da objetividade

[3] AVP conceitua a História como a percepção pela consciência da transformação contínua da realidade que se desenvolve no tempo.

absoluta, da existência concreta do mundo em evolução permanente (...)" (VIEIRA PINTO, 1979, p.18). Decorre daí também que o objeto prioritário do conhecimento humano seja a *realidade*: "com efeito, em primeiro lugar o que há a conhecer é aquilo que, existindo no mundo exterior, desperta o interesse do homem" (idem, p.115). Em outras palavras, *o conhecimento da realidade é prioritário ao conhecimento do conhecimento.*

A relação entre sujeito e objeto do conhecimento

Declara AVP que "por ínfima que seja a organização da matéria viva, o que sempre a caracteriza é de alguma maneira dominar o mundo, inverter, mediante o conhecimento, a relação de pertencimento, tomar o mundo por objeto de sua ação, isto é, estabelecer a diferenciação ontológica, posteriormente transferida para o terreno lógico, entre a condição de objeto e a de sujeito" (1979, p.23; grifos nossos). Nesta perspectiva, portanto, pode ser entendido que o *objeto do conhecimento*, mesmo em suas fases primitivas, é *o que realmente existe*. As implicações desta afirmação na formulação da metodologia de AVP são da maior importância, como se verá.

Por hora, cabe verificar se a contradição dialética aqui identificada por AVP (a *inversão da relação de pertencimento*) significaria, de algum modo, uma *inversão da prioridade ontológica.* Ou seja, embora surgida da esfera inorgânica e dependente desta para existir, a evolução biológica volta-se sobre e se sobrepõe a esta? Trazendo a discussão para a situação existencial do ser humano, como interpretar, nesse contexto, a afirmação do autor (impossível não lembrar o Engels de *A Dialética a Natureza*, 1991) de que "o homem se hominiza ao humanizar, pelo domínio, a natureza" (VIEIRA PINTO, 1979, p.27)? Vejamos:

> Se por um lado a natureza domina a razão, pois a cria e lhe dá os conteúdos ideativos originais, os dados do saber e as categorias que os sistematizam, por outro lado deve dizer-se que a razão domina a natureza porque se vale das idéias que representam adequadamente as propriedades das coisas para alterar os processos de interação entre estas, penetrar na profundidade dos fenômenos, produzir objetos e reações artificiais, e sobretudo para violar a dependência em que o pensamento de início se encontra em relação estrita de simples apreensão

> dos dados materiais imediatos, o que tem lugar mediante a criação de novas idéias a partir das já criadas. (VIEIRA PINTO, 1979, p.69)

Para Vieira Pinto, o trabalho que o homem desempenha sobre a natureza para transformá-la, e em conseqüência do qual transforma a si próprio, tem como aspectos essenciais (1979, p.87): (a) o de que a ação do homem na natureza sempre possui caráter social, e não individual, solitária ou pessoal; (b) o de que se trata de uma ocorrência histórica, e não uma ação simplesmente localizada no tempo. Tal conceituação de historicidade converge com aquela proposta por Lukács (1979b, no capítulo sobre Marx da *Ontologia do Ser Social*), ao determinar sua *concreticidade específica*: "a historicidade implica não o simples movimento, mas também uma determinada direção de mudança, uma direção que se expressa em transformações qualitativas de determinados complexos, tanto em-si quanto em relação com outros complexos" (idem, p.79). Seja como for, importa ressaltar a concepção de AVP de que "a diferenciação entre a condição de objeto e a de sujeito tem, pois, fundamento biológico e se irá manifestar quando os organismos recém-aparecidos começarem a ser capazes de <u>produzir em si o reflexo da realidade</u>, tornando-se habilitados a conhecer o mundo" (VIEIRA PINTO, 1979, p.23; grifo nosso).

Assim, conhecer o mundo, no sentido amplo considerado por AVP, significa *percebê-lo e agir sobre ele*. Note-se bem que não se, nestes estágios iniciais, ainda de um agir intencional, não se caracterizando a *ação teleológica*[4]: "O animal não dispõe ainda da capacidade de se dar finalidades, mas apenas do poder de escolher entre dois atos igualmente possíveis, às vezes opostos, qual o mais conveniente." (1979, p.24). Para o autor, "o mais funesto dos erros que poderíamos cometer na discussão do tema da pesquisa científica seria isolar esta atividade do processo a que pertence e que a justifica", ou seja, o processo geral do conhecimento. Nesse contexto, o *conceito de totalidade* adquire papel de importância no pensamento do autor: "(...) embora o todo se constitua a partir dos elementos, estes só se explicam e se tornam possíveis pela <u>precedência da totalidade</u>, que dá origem a cada novo ato de pesquisa." (VIEIRA PINTO, p.14; grifo nosso)[5]. Explica-se:

---

[4] A posição teleológica é conceituada por Lukács como a tomada de decisão entre alternativas a partir de um momento ideal de pré-ideação (Ver Vaisman, 1979, p.410 e ss.).

[5] Temos aqui novamente uma analogia com o pensamento lukácsiano, especificamente quando este trata da prioridade ontológica dos complexos com relação a seus elementos (ver o capítulo sobre *Marx da Ontologia do Ser*

> Qualquer ato definido de pesquisa de algum dado da realidade só pode ser entendido como determinado pela totalidade do conhecimento existente no momento; mas por outro lado, precisamos igualmente compreender que o todo do conhecimento presente em cada época se constitui pela acumulação destes atos singulares, que são as distintas pesquisas da realidade empreendidas cada qual num determinado instante, num determinado lugar, por um investigador individual (VIEIRA PINTO, 1979, p.14).

Anuncia-se aqui um tema caro a AVP, a dialética do universal e do particular no processo do conhecimento, conforme veremos. Seja como for, para o autor, o conceito de totalidade adquire valor categorial uma vez que expressa o processo do conhecimento na integridade do seu desenvolvimento até o momento atual. E, nesse sentido, a lógica formal não teria poder para explicar a totalidade do conhecimento, uma vez que se trata, ela mesma, do "conhecimento das operações mentais que produzem o conhecimento" (1979, p.15).

A gênese e a caracterização da ciência da ciência

Vieira Pinto (1979, p.83) entende que a ciência é uma *forma adaptativa própria ao homem*, por ser o animal que vence as resistências do meio mediante o conhecimento dos fenômenos, ou seja, mediante a produção da sua existência (a individual e da espécie). O homem se adapta ao mundo porque o adapta a si: ao descobrir as razões lógicas das coisas, modifica-as de maneira que sirvam ao propósito de assegurar sua subsistência.

Assim, a ciência surge quando "as condições orgânicas do ser que a produz são suficientes para permitir a prática dos atos perceptivos e investigatórios e da atividade abstrativa que, <u>ao gerar as representações universais</u>, os <u>conceitos</u>, vão propiciar a descoberta metódica do mundo." (VIEIRA PINTO, 1979, p.84; grifo nosso). No processo da gênese do pensamento científico, visto dessa forma como um desdobramento do processo de hominização, vê-se

---

Social, Lukács 1979b) ou afirma que os fenômenos complexos têm uma existência primária e que, portanto, o complexo deve ser estudado como complexo, para depois chegarmos aos seus elementos e aos processos elementares (ver Holz *et al.*, *Conversando com Lukács*, 1969 p.15).

também colocada, portanto, a questão da prioridade ontológica do mundo orgânico em relação ao "mundo das idéias" (a *noosfera* a que se refere Teilhard de Chardin, 1999).

O primeiro passo de Vieira Pinto no sentido da conceituação da ciência é a caracterização do "saber", entendido como conhecimento *reflexivo* e *autoconsciente*: "O homem toma consciência de sua racionalidade, reconhece nela um traço distintivo, que o institui na qualidade de um ser, um 'reino' à parte no processo evolutivo (...)" (1979, p.28). Impossível não cotejar com as palavras do antropólogo Richard Leakey, na obra *A Origem da Espécie Humana*:

> A origem da consciência humana, em alguma época nos últimos 2,5 milhões de anos, foi o terceiro evento [a marcar a história da vida na Terra, após a própria origem da vida e do aparecimento dos organismos multicelulares]. A vida tornou-se ciente de si própria, e começou a transformar o mundo e a natureza com seus objetivos próprios (LEAKEY, 1995, p.134)[6]

A distinção entre *saber* e *ciência* se funda, assim, na *diferenciação de natureza teleológica e metódica da última a partir do primeiro*: "O que distingue o saber da ciência é que na primeira destas *etapas* falta a *intenção* de *organizar metodicamente* o conhecimento, de proceder à descoberta da verdade de acordo com um projeto e critérios metódicos" (VIEIRA PINTO, 1979, p.29). Decorre daí a *definição de ciência* colocada por Vieira Pinto: "A ciência é a investigação metódica, organizada, da realidade, para descobrir a essência dos seres e dos fenômenos e as leis que os regem com o fim de aproveitar as propriedades das coisas e dos processos naturais em benefício do homem." (VIEIRA PINTO, 1979, p.30). Decompondo-se analiticamente a afirmação, temos: (1) Um *processo* ou *atividade* peculiar: a investigação da realidade, de caráter metódico; (2) Um *objetivo*: a descoberta da essência dos seres e fenômenos, e a descoberta das leis que os regem; (3) Uma *finalidade* ou *justificativa*: o domínio da natureza em proveito do homem.

Em síntese do que foi visto, podemos dizer que são características da ciência, na concepção expressa por Vieira, Pinto ser um *reflexo da realidade* no pensamento do homem,

[6] O próprio Leakey, na obra citada, observa que, há cerca de 1,4 milhão de anos, com o aparecimento dos artefatos da indústria lítica denominada *acheulense*, "pela primeira vez na pré-história humana, há indícios de que os fabricantes de artefatos tinham um modelo mental do que desejavam produzir – que eles estavam impondo intencionalmente uma forma à matéria-prima que utilizavam" (p.48)

trabalhar sob o *primado da lógica do objeto*[7] e ter o *caráter de um processo* (movimento submetido a leis) histórico e progressivo. Em decorrência, é o conhecimento científico que torna possível ao homem compreender-se a si mesmo como parte do processo de evolução da realidade, e não uma exceção na ordem da existência (VIEIRA PINTO, 1979, p.31).

As leis científicas como expressão da dialética do particular e do universal

Da historicidade da ciência enquanto processo decorre, portanto, que é a própria história da conceituação da ciência que nos dá o conceito de ciência[8]. É assim que, na visão de AVP, é possível entender que só nas etapas moderna e contemporânea da ciência tenha se chegado à noção de lei dos fenômenos e à exigência desse conhecimento para a constituição do saber científico. A lei científica é, assim, aquilo que se descobre de universal no particular das ocorrências objetivas (VIEIRA PINTO, 1979, p.76). Desta forma, a lei é intrínseca à dinâmica da realidade, e existe permanentemente como forma de relação entre os fenômenos; é uma relação necessária entre os fenômenos.

> As leis mais gerais da natureza, descobertas pela dialética, exprimem esta contraditoriedade entre o modo de ser singular e limitado de todo objeto concreto e o modo de ser universal da realidade a que pertence. Mas justamente por conter em si esta contradição é que o objeto ou fenômeno particular pode ser apreendido e apresentado logicamente como sinal da universalidade (VIEIRA PINTO, 1979, p.204).

Esta "dialética concretamente realizada de universal, particular e singular" é destacada da mesma forma por Lukács, em sua *Introdução a uma Estética Marxista*:

> A ciência autêntica extrai da própria realidade as condições estruturais e as suas transformações históricas e, se formula leis, estas abraçam a universalidade do

[7] "(...) seu modo de proceder [da ciência], o interesse que a determina a passar da investigação de um objeto a outro, lhe é imposto pelas ligações causais e pelas ligações interiores entre as coisas" (Vieira Pinto, 1979, p.30)

[8] A analogia com Lukács é, novamente, evidente, se atentarmos para a seguinte formulação contida no capítulo sobre Hegel da *Ontologia do Ser Social*: "Se a realidade em sentido ontológico, não pode deixar de ser o resultado de um processo, então se segue necessariamente que esse 'resultado' só pode ser compreendido adequadamente através desse processo, isto é, através de sua gênese" (1979a, p.72).

> processo, mas de um modo tal que deste conjunto de leis pode-se sempre retornar – ainda que freqüentemente através de muitas mediações – aos fatos singulares (...) (Lukács, 1978, p. 58).

Já as leis naturais, tais como efetivamente se manifestam na *singularidade* do setor da realidade a que se aplicam e no qual as descobrimos, apresentam para Vieira Pinto *caráter transitório*, uma vez que, com a lenta evolução da totalidade, desaparecem se assim ocorre com os objetos em que se exprimiam (VIEIRA PINTO, 1979, p.392). O autor ressalva, no entanto, que é inexato dizer que são as leis científicas que regem os fenômenos, mas sim que são os próprios fenômenos que, por via da reflexão lógica, exprimem em forma de proposições legais a unidade dos processos que os determinam (p.76). Esclarece o autor que as leis da natureza e todas as descobertas científicas são dados culturais na medida em que se integram num processo de *representação da realidade realizado historicamente pela consciência*, e somente por ela (VIEIRA PINTO, 1979, p.527).

A divisão das ciências

Para Álvaro Vieira Pinto, "as leis gerais da natureza que exprimem o modo de criação dos seres particulares tornam-se neles leis particulares. Por isso torna-se possível delimitar campos relativamente homogêneos do conhecimento, definidos pela especificidade de tais seres ou fenômenos" (VIEIRA PINTO, 1979, p.204). As ciências diversificam-se, assim, em função dos distintos objetos ou classes de objetos, ao se descobrir que para cada qual, no plano da percepção em que se constituem como classe, vigoram leis diferentes e que se aplicam aos fenômenos que neles têm lugar e *definem a ordem ou setor da realidade de que se trata*.

AVP considera, levando em conta a dialética entre o universal e o particular, que a particularização é um processo legítimo enquanto modo como a ciência metodologicamente busca tratar os objetos examinados, uma vez que propicia a definição dos conceitos formais correspondentes aos aspectos discriminados da realidade (1979, p. 210). Esta perspectiva analítica, no entanto, deve ser simultaneamente adotada pelo cientista com a perspectiva oposta, sintética.

Assim, as leis particulares que valem para um setor não valem para outro, ou melhor, existiria uma "hierarquia de complexidade", podemos dizer, no relacionamento entre leis de campos diversos, expressa pelo fato de umas leis se mostrarem submetidas a outras, de índole diversa, e que dominam as de caráter mais simples e lhes dão diferente interpretação. Vieira Pinto, com esta posição, na verdade rejeita claramente o reducionismo científico (e, dessa forma, o determinismo naturalista), mas fundamenta-se na prioridade ontológica; por exemplo:

> (...) as leis das transformações químicas simples estão presentes nos corpos vivos, mas funcionam nestes subordinadas às que regem a classe de fatos específicos deste plano superior da realidade, os fatos biológicos. As leis biológicas não derrogam as químicas, as físicas ou as mecânicas, mas entram em contradição com elas, ao retirar-lhes o caráter de expressão final dos processos inorgânicos que dominam, convertendo-as em mediações para a possibilidade do aparecimento de leis mais altas e complexas, as biológicas. O mesmo se dirá da relação entre as leis biológicas e as sociais (VIEIRA PINTO, 1979, p.204).

Vieira Pinto expressa-se, desta forma, analogamente a Lukács, quando este afirma que as formas mais complexas do ser (como o ser orgânico em relação ao inorgânico) são qualitativamente novas, e que sua gênese não pode ser simplesmente deduzida das formas mais simples (ver *As Bases Ontológicas do Pensamento e da Atividade do Homem*, 1978 p.3, e também a *Ontologia do Ser Social*, 1979a,b). Seja como for, o autor que estudamos neste trabalho destaca que o trabalho histórico da ciência consiste justamente em penetrar cada vez mais a razão dos fatos observados e integrar em leis cada vez mais gerais as que já se conhece vigorarem em setores limitados do real (VIEIRA PINTO, 1979, p.205). Desta maneira, as leis universais só são descobertas a partir das leis particulares, e estas só serão completamente inteligíveis quando concebidas enquanto modos particulares de realização das leis universais.

Esta correlação entre as leis de uma área restrita do saber e a da realidade em conjunto se explica porque, uma vez que todo "departamento particular do saber" visa à particularização (delimitação dos objetos que o compõem), essa limitação só encontra sentido na contraposição a uma realidade ilimitada da qual deriva a própria condição do ser particularizado, e que assim, em última análise, o explica. Neste sentido, converge também Vieira Pinto com a afirmação

lukácsiana segundo a qual "do ponto de vista ontológico, as fronteiras entre as ciências têm um significado secundário" [9]. Assim, o caminho dialético da formação da ciência consistiria em que esta, depois de haver assentado as leis relativas de certo campo do conhecimento, só pode prosseguir pela negação dialética destas e descoberta das leis absolutas que contradizem, superam, englobam e explicam as primeiras (VIEIRA PINTO, 1979, p.207).

A dialética como filosofia da realidade: ontologia e gnosiologia.

Para Vieira Pinto, em *Ciência e Existência*, a dialética tem o estatuto de filosofia totalizadora do ser e do conhecer, em virtude do reconhecimento de que *a dialética corresponde ao modo de ser da realidade* (ou melhor, de que **é** este modo de ser que caracteriza o que é dialética objetivamente; neste sentido, como já ressaltou José Chasin (1990) ao tratar do estatuto da dialética marxiana enquanto método, "dialética não se aplica, mas se descobre"[10]). Em decorrência disto, a dialética corresponde também, para AVP, ao modo de pensar que efetivamente opera refletindo tal realidade. Para o autor, a dialética é "a lógica imanente ao processo da realidade, que descreve e explica todas as transformações que ocorrem no plano da natureza". Sendo a única real, é igualmente a única a refletir a apreensão das leis gerais do universo efetuada pelo pensamento (p.169).

Dessa maneira, a própria teoria do conhecimento é condicionada pela dialética, a lógica da totalidade do real, expressão do universal da realidade, do conjunto de leis imanentes que determinam a constituição de todos os fenômenos e seres e os ligam por uma legalidade absoluta (VIEIRA PINTO, 1979, p.395). É nesta perspectiva que, para o autor, a reflexão sobre o modo de ser e operar da ciência – a metodologia – se insere no quadro mais amplo dessa, nas palavras do autor, "filosofia da realidade", e é a partir dessa fundamentação teórica que podem ser compreendidas as concepções de ciência e pesquisa científica, método e metodologia de AVP. Cabe, assim, agora, verificar os fundamentos teóricos e o embasamento filosófico aos quais estamos nos referindo, tais quais se apresentam na obra que estamos a estudar.

---

[9] Ver Holz *et.al.*(1969), *Conversando com Lukács*, p.14.
[10] Estamos nos referindo ao artigo "Marx – Da razão do mundo ao mundo sem razão", publicado na coletânea "Marx Hoje".

Na aplicação da dialética (filosofia da realidade) ao esclarecimento do problema da natureza da ciência e da pesquisa científica, o autor divide-a em três partes, no que concerne ao problema (VIEIRA PINTO, 1979, p.67 e ss.): (A) **Gnosiologia**, ou teoria do conhecimento, significando o estudo da origem, organização e validade do mundo das idéias, mas enquanto representação de coisas efetivamente reais; (B) **Lógica**, estudando a estrutura e funcionamento dos processos segundo os quais as idéias se relacionam umas às outras, em operações mentais; e (C) **Epistemologia**, ou teoria da ciência, tratando da realização da ciência como ato concreto em cada uma de suas divisões em particular, ocupando-se de seus resultados e discutindo-os em seus fundamentos, sistematizando suas relações com as demais classes do saber científico e estudando suas principais aplicações. Engloba a sociologia da ciência (estudo das condições materiais, sociais e históricas em que se realiza esse produto cultural). Para o autor,

> A lógica dialética alcança o objeto da pesquisa científica no plano de maior profundidade, no plano das contradições que lhe determinam a essência, no movimento dos fenômenos que têm lugar na natureza e que se tornam a causa da diversidade dos seres, contradições essas que aparecem entranhadas nos conceitos que referem subjetivamente os dados da realidade (VIEIRA PINTO, 1979, p.44)

E, assim:

> O caráter absoluto das leis da dialética decorre necessariamente de sua vigência universal, em conseqüência da unidade da realidade. Porque de duas uma: ou não há esta unidade, e a realidade termina em divisões, em compartimentos incomunicáveis, o que constitui antes um problema do que uma solução; ou tal unidade existe, e se deve à vigência de leis válidas incondicionalmente, ou seja, absolutas. O fato de não podermos chegar a elas senão através do conhecimento das leis relativas não lhes retira a qualidade de absolutas (VIEIRA PINTO, 1979, p.207)

Visão de homem

Coloca-se aqui a questão da visão de homem de Álvaro Vieira Pinto:

> O homem, ao se constituir no tope da racionalidade que possui em cada época, não somente produz o conhecimento dos entes e processos particulares. Por uma imposição imanente à razão é lavado a constituir o sistema explicativo geral dos dados particulares que percebe. É levado a refletir sobre a totalidade do real; o produto dessa reflexão, que busca explicar e coordenar racionalmente todos os aspectos do mundo, é o que se chama uma filosofia (VIEIRA PINTO, 1979, p.74; grifo nosso)

Vê-se, portanto, em AVP, uma concepção de filosofia também cara a Lukács, expressa na *Ontologia do ser social* (1979b, p.29), ou seja, **crítica ontológica de todos os tipos de ser**. Para o autor,

> O homem deve ser definido filosoficamente como o ser que produz sua existência. Enquanto os outros animais são produzidos pelo mundo, no sentido de que não produzem os meios de sua subsistência, mas apenas os utilizam onde quer que os encontrem, e se tal não se dá perecem, o homem adapta a natureza a si, e sobrevive por ser capaz de produzir o que necessita para tanto. É, portanto, o autor e o produto de si mesmo, constituindo-se realmente num ente original, diferenciado de todos os demais, incapazes de tal façanha. Tal o motivo pelo qual o conceito de produção adquire valor decisivo para a compreensão da essência do homem e de todas as suas atividades, inclusive a mais perfeita destas, a realização da ciência (VIEIRA PINTO, 1979, p.48, grifo nosso)

Esta concepção pode ser facilmente comparada àquela colocada por Mészáros (1981), ao tratar da teoria marxiana da alienação, quando este afirma que, para uma compreensão da "essência natural do homem", o conceito de atividade produtiva (ou "indústria") adquire importância crucial, uma vez que esta representa a causa da crescente complexidade da sociedade humana e o meio de afirmar a supremacia do homem sobre a natureza.

Para Vieira Pinto**,** *o homem, ao agir, sintetiza o determinismo com a liberdade*: se, por um lado, só pode agir em função dos determinantes que o impulsionaram e contra uma realidade governada por leis objetivas, por outro lado opera não como autômato, mas como *agente que*

elege os rumos a seguir, efeitos a obter e métodos a adotar para cumprir as finalidades propostas (VIEIRA PINTO, 1979, p.368). Nada diferente, como se vê, da concepção lukácsiana segundo a qual "o homem é um ser que responde", ou seja, um ser que reage às alternativas que lhe são colocadas pela realidade objetiva, retendo certos elementos que nela existem e transformando-os em perguntas, para as quais procura a melhor resposta possível (ver Vaisman, 1989, p. 410-411).

Assim, o homem seria um animal naturalmente investigador da realidade, ativo e transformador dessa realidade:

> O homem, sendo o animal que necessita dominar a natureza para se constituir com as qualidades específicas que possui e desenvolve, tem de conhecê-la, e para tanto será obrigado a pesquisá-la. A atividade investigadora acha-se, pois, na origem da relação do homem com o mundo, a qual não tem caráter passivo, como nos animais que formam e transmitem hereditariamente atos instintivos. O homem adapta-se ativamente á natureza, pelo ato de adaptá-la a ele. Mas, para tanto faz-se preciso conhecer as propriedades dos corpos que compõem o mundo, as leis que os regem; o sujeito deve apoderar-se em forma de idéias de tais dados objetivos para com eles organizar o projeto de transformação da realidade (VIEIRA PINTO, 1979, p.374; grifo nosso)

Portanto, pode-se afirmar que são pontos centrais no pensamento exposto por Álvaro Vieira Pinto (1979) em *Ciência e Existência*: (1) O reconhecimento do homem como ser ativo no mundo; (2) A consideração do mundo real enquanto algo capturável pela razão, mas tendo como ponto de partida a própria atividade humana.

Hominização

O grande *processo histórico da hominização* é o fio condutor da argumentação de Vieira Pinto na busca da explicação genética do fenômeno humano da ciência, e que permite firmar a concepção de que esta se fundamenta na condição existencial do homem. Assim, "a hominização, como sucesso histórico, condiciona a historicidade de toda a realidade humana, não só a da

estruturação orgânica (...) como a das operações materiais e mentais que o progresso da percepção, atingido a cada momento, permite" (VIEIRA PINTO, 1979, p.100, grifo nosso).

Dessa forma, como se viu, para AVP a historicidade da ciência é conseqüência da historicidade do método, mas esta, por sua vez, decorre da própria historicidade da razão (p.99). Assim, a ciência vai representar sempre "a forma mais elevada de captação da realidade pela mente humana, que cada época se mostra capaz de produzir" (VIEIRA PINTO, 1979, p.92).

Visão de mundo: concepção imanente da natureza

Para Vieira Pinto, a natureza deve ser compreendida em seus próprios termos, e esta posição (a aceitação da dialética da natureza) é um dos pilares de sua filosofia da ciência:

> A concepção fundamental que nos deve orientar na compreensão da teoria da ciência e da pesquisa científica consiste na admissão da logicidade do processo natural enquanto qualidade deste em si mesmo, e não como qualidade pertencente originariamente ao plano da consciência, ao espírito, vindo a ser projetada na realidade exterior pela exigência de conhecê-la racionalmente (VIEIRA PINTO, 1979, p.159, grifo nosso)

Esta concepção equivale, como em outros casos que comentamos, às colocações de Lukács sobre o assunto, como quando este afirma que "a natureza (tanto a natureza orgânica quanto a inorgânica) se desenvolve segundo a sua própria dialética e se realiza independentemente das posições teleológicas do homem" (ver Holz *et al*, *Conversando com Lukács*, 1969, p.72). Sendo assim, para Lukács (interpretando o pensamento marxiano sobre a relação homem-natureza), os homens podem desenvolver uma ação transformadora sobre a natureza apenas no quadro da práxis humana e, fora disso, a natureza se desenvolve independentemente do homem.

No entanto, o que é importante ressaltar é que esta posição de Vieira Pinto, ao colocar a logicidade imanente do processo natural, é um passo fundamental no caminho de uma ontologia que encontre, como propõe Lukács (no capítulo sobre Hegel da *Ontologia do Ser Social*, 1979a, p.64), na realidade objetiva da natureza a base real do ser social, sendo capaz ao mesmo tempo de apresentar o ser social em sua simultânea identidade e diferença com a ontologia da natureza, ou

seja, que diferencie a causalidade da natureza e a teleologia do trabalho e esclareça suas inter-relações dialéticas. E isto Vieira Pinto fez.

Considerações Finais

Como foi visto, o eixo estruturador da teoria do conhecimento de Álvaro Vieira Pinto é a dialética enquanto filosofia da realidade, ou melhor, entendida como expressão do modo de ser da realidade e, em consequência, da reflexão desse modo de ser no campo das ideias. Este caráter totalizador possibilita o enquadramento da ciência enquanto parte – mais desenvolvida, é certo – do amplo processo histórico e social do conhecimento, que tem seus fundamentos ontológicos na própria evolução biológica. Vieira Pinto parte de dois pressupostos fundamentais: (1) o reconhecimento do homem como ser ativo no mundo, dotado de consciência e intencionalidade (teleologia), e; (2) a consideração do mundo real enquanto objeto capturável pela reflexão. A realidade é a matriz fundamental da qual os outros fenômenos são decorrência, e desta questão se desdobram as considerações de que o conhecimento (gnosiologia) e o método não a supõem, mas são dela decorrentes.

A ciência caracteriza-se então, nesse contexto, pela atividade metódica da razão direcionada para a investigação da realidade, e o método é visto como o caminho da descoberta do conhecimento do objeto pelo sujeito (e, portanto, subordinando-se à lógica do primeiro), permitindo sua captação e reprodução conceitual. Mas um caminho dinâmico, dotado de historicidade, intencional e auto-reflexivo (crítico), não se configurando, portanto, em organização intelectual apriorística. Enfim, o pensamento de Vieira Pinto, tal como o de Marx e de Lukács, mostra uma relação indissociável entre dialética e ontologia, bem como uma ênfase decisiva na articulação entre as categorias da universalidade e da particularidade.

Todavia, enquanto considera a ciência um produto *racional* da atividade humana, a teoria do conhecimento de AVP encontra sua grande limitação: não considera um lado todo da questão, justamente o lado “escondido” da mesma: as determinações psíquicas inconscientes relacionadas ao desejo de saber e aos impulsos epistemofílicos. Estas proposições não estão em desacordo com as concepções de Vieira Pinto, nem tampouco com aquelas do campo teórico marxiano que comentamos ao longo do texto. Mas constituem seu complemento, cuja consideração é necessária

para a construção de uma teoria geral e ampla do conhecimento. No entanto, não será possível aqui tratarmos das implicações dessa concepção, a qual deverá ser considerada em estudos posteriores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHASIN, José. **Marx – da razão do mundo ao mundo sem razão**. In: Chasin, J. (org.), Marx Hoje (v. 1). 3. ed. (revista e ampliada), São Paulo: Ensaio, 1990, p.13-52.

CHASIN, José. **Marx – estatuto ontológico e resolução metodológica**. In: Teixeira, Francisco J.S., Pensando com Marx, São Paulo: Ensaio, 1995, p. 335-537 (Posfácio).

ENGELS, Friedrich. **A dialética da natureza**. 5. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15. ed., São Paulo, Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo R.N. **Educação e atualidade brasileira**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.

FREITAS, Marcos Cézar. **Álvaro Vieira Pinto: a personagem histórica e sua trama**. São Paulo: Cortez / USF, 1998.

HOLZ, Hans H.; Kofler, Leo; Abendroth, Wolfgang. **Conversando com Lukács**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969 (tradução de G.V. Konder de *Gespräche mit Georg Lukács*).

LEAKEY. Richard. **A origem da espécie humana**. Rio de Janeiro: Rocco, 1995 (tradução de A. Tort de *The origin of humankind*).

LUKÁCS, Georg. **As bases ontológicas do pensamento e da atividade do homem**. *Temas de Ciências Humanas* 4: 1-18, 1978.

LUKÁCS, Georg. **Introdução a uma estética marxista (sobre a categoria da particularidade)**. 2. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

LUKÁCS, Georg. **Ontologia do ser social (a falsa e a verdadeira ontologia de Hegel)**. São Paulo: Ciências Humanas, 1979a (tradução de C.N. Coutinho de *Zur ontologie des gesellschaftlichen seins: Hegel falsche und echte ontologie*).

LUKÁCS, Georg. **Ontologia do ser social (os princípios ontológicos fundamentais de Marx)**. São Paulo: Ciências Humanas, 1979b (tradução de C.N. Coutinho de *Zur ontologie des gesellschaftlichen seins: die ontologischen grundprinzipien von Marx*).

LUKÁCS, Georg. **Pensamento vivido: autobiografia em diálogo**. São Paulo: Ad Hominem / Viçosa: Editora UFV, 1999 (tradução de C.A. Franco de *Gelebtes denken: eine autobiographie im dialog*)

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política**. 3. ed., São Paulo: Nova Cultural, 1988 (Os economistas; v.1, tomo 1).

SILVA, Edjane A. **Educação, ciência e consciência: o lugar da ciência no projeto político-pedagógico de Álvaro Vieira Pinto**. São Paulo, 1996 (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo).

TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **O fenômeno humano**. São Paulo: Cultrix, 1999.

VAISMAN, Ester. **A ideologia e sua determinação ontológica**. *Ensaio* (17/18): 399-444), 1989.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Ciência e Existência: problemas filosóficos da pesquisa científica**. 2. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

VIERA PINTO, Álvaro. **Sete lições sobre educação de adultos**. 10. ed., São Paulo: Cortez, 1997.